



Universidade de São Paulo

Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Museu de Arte Contemporânea - MAC

Livros e Capítulos de Livros - MAC

2014

O batedor e a concha: desenhos e objetos

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/46147>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo

the **whisk** and the **ladle** drawings **and** objects

Podem conchas metálicas, daquelas feitas para servir sopão, permanecer sendo o que são por destino e ainda assim abandonar suas essências para compor uma escultura abstrata? E batedores de clara em neve, simples molas de aço com cabo de madeira rústica, podem eles se desapegar de suas formas primeiras, para juntos se transformar numa série de tapeçarias escultóricas, providos de movimento e som ao menor toque?

Eis a ação singular, uma espécie de operação alquímica, realizada por Luiz Hermano. O artista tem o dom de somar objetos de uso cotidiano que, unidos em composições seriais, se transformam em algo que vai além de suas vocações mundanas. Ganham novas camadas de sentidos sem, contudo, abandonarem o significado primeiro e legítimo de sua existência. Transcendem suas limitações funcionais, pois parecem não se bastar. Buscam extrapolar o que são para tornar-se o que podem ser além. Porém continuam carregando em si a marca indelével de suas origens.

É por isso que o artista optou por resguardar o nome dos objetos no próprio título da exposição: o batedor ainda é um batedor, ainda que se torne também uma série esculturas sofisticadas e interativas. A concha se apresenta como tal, formando em conjunto uma torre metálica quase geométrica. Sem adulterar sua configuração formal anterior, Hermano resguarda nela sua potência de servir.

As memórias de cada coisa se apresentam, assim, de modo singelo e eficaz, garantindo sua apresentação franca no mundo. É justamente essa duplicidade, essa complexidade tão autêntica que atribui consistente poesia à obra desse artista. Não sejamos razoáveis: nada muda, mas tudo muda. Ou, ao menos, tudo pode mudar.

**“...as coisas não
querem mais
ser vistas por
pessoas razoáveis.
Elas desejam ser
olhadas de azul -
que nem uma
criança que você
olha de ave.”**

Manoel de Barros

Podemos seguir a vista pelos desenhos e encontrar neles a mesma sinceridade na apresentação das coisas. Assim também se apresenta a mesma densidade e possibilidade de leituras expandidas. Prova desse jogo de forças aparentemente contrárias está na escolha dos traços, na coloração das formas e na atribuição do título de cada obra.

Tudo começa com a configuração de linhas soltas, que parecem desejar a liberdade de sair para passear. O artista vislumbrou alguma coisa que capturou seu olhar, mas no processo de transcrição do gesto para o papel esse algo ganhara conteúdos e detalhes muito próprios.

Os desenhos, feitos com nanquim, são banhados de tonalidades terrosas, tingidos apenas com café e tinta sépia. Luiz Hermano, natural de Preaoca, no tabuleiro cearense, é um artista que balança nas raízes de sua cultura e história, mas que embala seu repouso com os sonhos de um grande viajante. No início, recém saído da terra natal, o café era substituto barato para a tinta artística. Agora, somado ao nanquim, tornou-se memória, espessura de histórias vividas em meio a tantas viagens, narradas com o olho e a imaginação.

Assim nos seduzem as formas, como os chinelinhos enfileirados, batizados de *Bispo* (um registro particular de uma obra de Bispo do Rosário), um emaranhado de padrões que parecem células, chamado de *Cérebro* ou de *Casinha de Abelha*. Na cidade de sonhos criada por Luiz Hermano, uma *Alcachofra* (que poderia ser um fogaréu) convive com um *Campo de Pousio*, uma *Casa Voadora* (que poderia ser um moinho) conversa, lado a lado, com um *Casco* (que poderia ser uma Fruta do Conde). •

May metal ladles, designed for serving soup remain the object that they were designed to be and even so discard their essences to be part of an abstract sculpture? And may Whisks used to beat egg whites, made of regular steel springs with a natural wood handle, get rid of their primary forms and together become a new series of sculptural tapestry, with movements and sounds that gain life with a quick touch?

That is a singular action, a kind of alchemical operation, performed by Luiz Hermano. The artist has the gift of using objects of the everyday life that together with a series of sculptures turn into something that is much more than their wordly vocation. They gain new layers of meanings, without leaving behind the primary and legitimate purpose of their existence. Transcending their functional constraints, because they think that can do better. They want to extrapolate its primary purpose and turn into something much more meaningful. But, they still carry in the indelible mark of its origin.

That is why the artist chosen to preserve the name of the objects in the exhibition name: a whisk is still a whisk even though it becomes also a series of refined and interactive sculptures. The ladle is presented as itself, forming together a steel tower with a nearly geometric shape. Without changing the previous design, Hermano keeps its potential of use.

Memories of each object are revealed in a simple and efficient way, ensuring its candid existence in the world. Is this duplicity, this authentic complexity that grants the poetry consistency to this artist work. Let us not be ordinary: nothing change, but everything change. Or, at least, everything can change.

**“...things don't want
to pass by noticed
by ordinary people.
They want to be
extraordinarily
noticed, just like
the color blue -
Just like the
vision of a child.”**

Manoel de Barros

We can look at the drawings and find in them the same genuineness used on presenting things. Similarly, it is presented the same density and possibility of expanded readings. A proof of this clearly controversial game of power is in the choice of the right drawing lines, in coloring the shapes and in titling each work.

Everything starts with the drawing of loose lines that seems to crave for its freedom to go out for a walk. The artist envisaged something that caught his glaze but, at the transition process from the gesture to the paper, this something will gain very particular content and features.

Drawings made with Indian ink are filled with earthy shades, consisting of coffee and sepia paint. Luiz Hermano, from Preaoca, state of Ceará, is an artist that plays with its roots, culture and history, but rests with dreams of a born traveler. At the beginning, when he had just left his homeland, coffee was a cheap substitute for artistic paint. Now, added up to Indian ink, it became his memory, the content of histories lived among so many journeys told by the eyes and imagination.

That is how we got seduced by the shapes, as in “chinelinhos enfileirados” (flip flops in line), named of *Bispo* (a particular reference of a *Bispo do Rosário* work), an entanglement of patterns that look like cells, named *Cérebro* (Brain) or *Casinha de Abelha* (Bee house). In the city of dreams created by Luiz Hermano an artichoke (that could be a raging fire) lives together with a *Campo de Pousio* (Airfield); a *Casa Voadora* (Flying house) - that could be a wind mill - interacts side by side with a *Casco* (Shell) - that could be a Sugar-Apple. •